

V Jornadas de Timor da Univ. do Porto

A Língua Portuguesa em Timor Leste Um olhar sobre o passado e algumas sugestões para o futuro

por João Paulo T. Esperança
e Paula Cristina G. dos Reis

Pretendemos com este trabalho, necessariamente modesto, lançar algumas ideias que contribuam para uma futura definição das opções linguísticas em Timor Leste, aquando do estabelecimento de um idioma oficial e respectivo método de ensino.

Começamos por fazer uma breve análise histórica. Quando os primeiros missionários e comerciantes portugueses chegaram à ilha encontraram duas confederações (dos Belos e de Servião) constituídas por reinos independentes que prestavam vassalagem a um liurai mais poderoso. Nestes muitos reinos, verdadeira Torre de Babel de diversidade etno-linguística, usava-se já como língua de comunicação entre os vários grupos o Tetum. Pensamos porém que o domínio desta língua, fora das suas zonas naturais - provavelmente centros políticos onde o poder do régulo local actuava como elemento irradiador da língua - seria apanágio de apenas alguns poucos mais dados ao contacto com outros grupos. De resto, as constantes guerras entre os vários reinos ainda que, através da captura de prisioneiros e da fragmentação de populações nas fronteiras do conflito, causassem frequentes contactos e intercâmbios linguísticos, acentuariam certamente a tendência para o uso da língua local em detrimento de uma língua comum. Se assim não fosse seria duvidosa a sobrevivência até aos nossos dias de muitas das línguas e dialectos timorenses.

Os portugueses que se depararam com este cenário, principalmente missionários, pois como teria dito no séc. XVIII um liurai de Oecussi - "...esta terra não foi conquistada pelas armas, mas pela água e pelo sal..." (tempos houve em que a presença dos portugueses em Timor quase se resumia aos missionários e comerciantes de sândalo), souberam capitalizar para os seus objectivos de evangelização a existência desta língua que ultrapassava fronteiras. Aprenderam-na e usaram-na na catequese, facilitando o seu uso de forma mais generalizada, enquanto introduziam também o português, principalmente entre os seus convertidos ou os que lhe estavam mais próximos (ainda que o aparecimento das primeiras escolas como instituições date do séc. XVIII, os missionários vinham realizando a sua

missão pedagógica já desde o séc.XVI). A administração colonial soube também aproveitar a existência desta língua e promover o seu uso no contacto com as populações, particularmente no interior. A aprendizagem bastante generalizada do Tetum pelos portugueses idos para Timor, o facto de as estruturas hiérrarquicas tradicionais terem sido razoavelmente respeitadas e aproveitadas para a governação do território, a não instituição do comércio de escravos, contribuíram para dar à colonização de Timor o seu carácter particular na história da colonização portuguesa, a que não será também estranho o facto de os portugueses radicados em Timor terem sido frequentemente em pequeno número.

Desde o séc.XVIII, e principalmente no nosso século, os colégios e as missões da Igreja Católica tiveram um papel primordial no ensino da língua portuguesa e na instrução em geral, especialmente entre as elites timorenses: os filhos de liurais, de funcionários,... Nestes colégios o uso das línguas locais era severamente reprimido pelos professores, sendo a palmatória um poderoso dissuasor, que ainda que não impossibilitasse as conversas "na língua lá da terra" as tornava clandestinas.

Após a independência da República da Indonésia a situação linguística em Timor Leste não sofreu alterações e, excepto um ou outro caso pontual que possa ter existido, ninguém se preocupou em aprender bahasa indonésio, que de resto era pouco falado entre os timorenses ocidentais. Para além disto a Indonésia não gozava de simpatias especiais entre os timorenses. Eram então recentes episódios como a morte de D. Aleixo Corte Real ao defender a posição portuguesa perante os ocupantes japoneses, ou, no Remexio, a suspensão dos corpos dos que haviam colaborado com estes em gaiolas penduradas no tecto de uma caverna, pois o corpo dos traidores não deveria contaminar o solo sagrado de Timor. Havia entre muitos timorenses um portuguesismo que mais do que um sentimento patriótico era um vínculo sagrado. A bandeira portuguesa assumia um carácter quase religioso sendo disso manifestações a obrigação de não pisar sequer a sua sombra (aliás este facto foi amplamente pela Administração Colonial para efeitos de propaganda), ou a inclusão frequente da bandeira na *uma lúlic* (casa sagrada), guardada cuidadosamente junto com a *surik* (espada) dos antepassados e outras relíquias.

Tudo isto foi fortemente abalado pela invasão indonésia que teve consequências devastadoras. A nível linguístico também houve este choque. O uso da língua portuguesa foi desencorajado e acabou por ser quase clandestino, o bahasa indonésio foi declarado língua oficial e foi introduzido nas escolas e na administração. Gradualmente o português foi perdendo terreno e, recentemente, os indonésios fecharam mesmo a última escola a manter o ensino em língua portuguesa, o Externato de S. José. Hoje o português é uma língua de resistência ensinado em casa pelos pais e falado por guerrilheiros que lutam há quase dezoito

anos nas montanhas, muitos dos quais nunca chegaram a aprender a língua do invasor. O Tetum é falado pela maioria da população e, apesar das deslocções forçadas de populações que os indonésios puseram em prática durante algum tempo, as línguas locais (mambae, tokodede, makassae, bunak, etc.) mantêm-se vivas. Em Dili, onde o número de indonésios transmigrados já ultrapassa provavelmente o da população autóctone, o bahasa indonésio é já amplamente falado substituindo por vezes o tetum (e o português) nas conversas do dia-a-dia entre familiares e amigos.

Perante este panorama, que futuro linguístico num Timor Leste livre do jugo indonésio?

A resposta a esta questão depende de muitos factores, sendo um deles o tipo de relações existentes com Portugal. Mas, sem intenção de apresentar um plano bem organizado, analisaremos alguns aspectos passíveis de estudos mais aprofundados no futuro:

O tetum, que pela sua larga implantação poderia ser uma escolha possível apresenta vários problemas, sendo logo à partida o principal o facto de ser uma língua não literária, sem uma gramática organizada e registada, sem qualquer tipo de material pedagógico de apoio, etc...Assim, embora não rejeite o reconhecimento do tetum como língua oficial, penso que será importante que o português goze também desse estatuto. Assim, Timor pertencerá a uma larga comunidade de países unidos pela mesma língua, o que trará vantagens em termos de cooperação económica, cultural, etc... permitindo por exemplo o intercâmbio de alunos universitários, professores,...Será também primordial encontrar uma plataforma de integração do bahasa indonésio, hoje falado por uma parte significativa da população.

João Paulo T. Esperança

Paula Cristina G. dos Reis

